

O IMPULSO LITERÁRIO DE FRANÇOIS-RENÉ AUGUSTE DE CHATEAUBRIAND

Natália Pedroni CARMINATTI*

RESUMO: Refletir sobre o século XVIII na Literatura Francesa requer revisitar a poética de François-René Auguste de Chateaubriand. A importância do referido escritor para os Estudos Literários marcou uma série de influências no movimento posterior a que intitulamos Romantismo. Dito isso, o presente artigo objetiva apresentar o desabrochar da consciência artística de Chateaubriand bem como ressaltar a importância de seu universo particular em suas obras literárias. Para tanto, efetiva-se um percurso biográfico, nomeando aqueles que o auxiliaram nessa empreitada. Nesse sentido, servimo-nos de *Mémoires d'outre tombe* (1849-1850) em que as explicações fornecidas pelo próprio autor embasaram seu pensamento literário. A América, ela também tem papel fundamental em seu processo de amadurecimento pessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Francesa. Pré-Romantismo. Biografia. François-René Auguste de Chateaubriand.

J'étais presque mort quand je vins au jour. Le mugissement des vagues soulevées par une bourrasque annonçant l'équinoxe d'automne, empêchait d'entendre mes cris: on m'a souvent conté ces détails; leur tristesse ne s'est jamais effacée de ma mémoire. Il n'y a pas de jour où, rêvant à ce que j'ai été, je ne revoie en pensée le rocher sur lequel je suis né, la chambre où ma mère m'infligea la vie, la tempête dont le bruit berça mon premier sommeil [...] Le Ciel sembla réunir ces diverses circonstances pour placer dans mon berceau une image de mes destinées. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.188)¹.

* Doutora em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 -napedroni@hotmail.com

¹ “Estava quase morto quando vim ao mundo. O bramido das ondas erguidas pelos ventos impetuosos anunciava o equinócio de outono e impedia de escutar meus gritos: frequentemente, contavam-me esses detalhes; e a sua tristeza jamais se apagou da minha memória. Não há um dia em que, sonhando com o que fui, meus pensamentos não voltam para o rochedo em que nasci, para o quarto

Chateaubriand foi a notável figura que revolucionou a era dos Oitocentos, período em que a França vivenciara aceleradas reformas: aboliaram-se, pouco a pouco, as noções ideológicas dos filósofos iluministas e os juízos da estética clássica, a favor das tendências do movimento romântico. Testemunha de um ínterim transicional, posto que morreu em Paris em 4 de julho de 1848, presenciando a passagem do século XVIII ao XIX, o escritor experimentou duas épocas distintas, articulando a França do Antigo Regime àquela nova França do pós-revolução.

Portador de pretensões libertárias, Chateaubriand, arauto do passado, lutou por intermédio da palavra, pela defesa da humanidade e, sobretudo, do Deus cristão. Crente no poder do homem em edificar sua felicidade particular, o autor francês, apesar de deísta, martirizou-se com as ruínas dessas duas épocas de insensibilidade face à natureza humana. Quaisquer denominações concedidas a Chateaubriand sejam elas de “príncipe dos sonhos” ou “homem da política”, mostram-nos que estamos diante de um historiador e de um poeta, que avança, voltando seu olhar para trás. Sendo assim, essas duas eras delimitam sua obra e seu pensamento, introduzindo o que denominamos de tempo moderno da literatura.

Filho de René-Auguste de Chateaubriand e de Apolline-Jeanne-Suzanne de Bédée, o jovem escritor pertencia a uma das mais antigas famílias da monarquia francesa bretã, detendo veemente supremacia nessa região. Entretanto, a finitude concernente à durabilidade dos bens chegou à nobre linhagem de Chateaubriand e a morte de seu avô foi o zênite da queda familiar. Coube a René-Auguste manter não só as pompas do “*nom de famille*”, mas garantir a entrada de capital, mais que isso, manter o seu *status quo*. E o fez, pois o ímpeto e a energia sempre preencheram a sua conduta, trazendo-lhe benefícios e ordem ao espírito. O casamento com Apolline-Jeanne-Suzanne de Bédée lhe foi decisivo no despertar dos sentidos e na transferência do adolescente ao homem feito: tornara-se pai de Jean-Baptiste, Marie-Anne, Bénigne, Julie e Lucile². Mais tarde, viria ao mundo François-René com sua personalidade forte,

em que minha mãe me infligiu a vida, para a tempestade cujo ruído embalou meu primeiro sono [...] O céu parecia reunir essas diversas circunstâncias para colocar em meu berço uma imagem de meus destinos.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.188, tradução nossa).

² É interessante ressaltar que François-René Auguste de Chateaubriand nasceu cinco anos depois de sua irmã Julie e quatro anos após sua irmã Lucile. Fora o décimo filho, pois antes do nascimento de seu irmão Jean-Baptiste, sua mãe havia tido cinco filhos que faleceram. Quatro deles de uma efusão de sangue no cérebro e o primeiro, nomeado Geoffroy, no berço. Tal fato é relato na obra *Mémoires d'outre tombe* (1849-1850).

“[...] l'enfant qui devait illustrer le vieux nom des Chateaubriand d'une gloire que son père n'eût point osé lui souhaiter, dont peut-être il eût dédaigné la meilleure part [...]” (NOLLET, [19--], p.VIII)³.

O escritor bretão soube, muito bem, fazer jus ao *nom de famille* dos Chateaubriand, uma vez que, mediante a elocução, batalhou pela salvação dos valores humanos, deixando-nos um legado surpreendente de obras, importantíssimas aos princípios basilares do movimento romântico, ainda que não tenha se considerado um dos pilares desse movimento. Desse modo, a História reflete-se em seus sentimentos e percepções e é a própria fonte de suas inquietações. Uma infância marcada pela ausência de seus familiares, já que a revolução matou seu irmão, prendeu sua mãe, eliminou sua família e o condenou ao exílio, o percurso existencial de Chateaubriand é relevante ao conhecimento do seu método de escritura e, segundo Proust (apud CLEMENT, 1998, p.89), *“[...] Chateaubriand, tandis qu'il se lamente, donne son essor à cette personne merveilleuse et transcendante qu'il est, nous sourions car au moment même où il se dit anéanti, il s'évade. Il vit une vie où l'on ne meurt point.”*⁴

Foi no grande colégio de *Rennes* que essa “pessoa maravilhosa e surpreendente” brilhou em matemática e avançou no estudo das línguas: *“[...] j'ai commencé par la poésie, avant d'en venir à la prose; les arts me transportaient; j'ai passionnément aimé la musique et l'architecture.”* (CHATEAUBRIAND, 2014, p.253)⁵. Além dos estudos, as concepções estéticas do século XVII lhe foram transmitidas por sua mãe, que adorava a senhora de Sévigné e Racine. O fascínio pelos romances cavalheirescos também lhe foram incorporados por ela. Mas foi somente em *Brest*, para onde partiu com o intuito de realizar o exame de guarda para a marinha, que o ensaísta começou a observar a formação de seu caráter:

On voit comment mon caractère se formait, quel tour prenaient mes idées, quelles furent les premières atteintes de mon génie, car j'en puis parler comme d'un mal, quel qu'ait été ce génie, rare ou vulgaire, méritant ou ne méritant pas le nom que je

³ “[...] e a criança que deveria ilustrar o velho nome da família Chateaubriand de uma glória que seu pai não ousou lhe desejar, glória essa talvez que ele tivesse desprezado a melhor parte, François-René de Chateaubriand nasceu.” (NOLLET, [19--], p.VIII, tradução nossa).

⁴ “[...] Chateaubriand, enquanto se lamenta, expande essa pessoa maravilhosa e transcendente que é; nós sorrimos, pois no momento em que ele se diz aniquilado, ele foge. Vive uma vida em que nunca se morre.” (PROUST apud CLEMENT, 1998, p.89, tradução nossa).

⁵ “Comecei pela poesia, antes de vir à prosa; as artes me encantavam; amei, com paixão, a música e a arquitetura.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.253, tradução nossa).

lui donne, faute d'un autre mot pour mieux m'exprimer. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.257)⁶.

Em seu retorno de *Brest*, Chateaubriand instalou-se em *Combours* e nele os sonhos corporificaram-se. Não obstante, a tristeza revelou-se como o primeiro prognóstico desses dois anos de recuado aprendizado:

[...] pendant la mauvaise saison, des mois entiers s'écoulaient sans qu'aucune créature humaine frappât à la porte de notre forteresse. Si la tristesse était grande sur les bruyères de Combours, elle était encore plus grande au château. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.266)⁷.

Sofria de um desalento sem causa, ampliado pela frieza de sua mãe e o caráter rígido de seu pai, *“le calme morne du château de Combours était augmenté par l'humeur taciturne et insociable de mon père.”* (CHATEAUBRIAND, 2014, p.266)⁸. A postura adotada pelo pai, em vez de aproximar, dispersava aqueles que estavam ao seu redor. Ora, esse caráter austero, de acordo com Chateaubriand, em *Mémoires d'outre-tombe* (1849-1850), influenciou suas ideias e decidiu o gênero de sua educação. A despeito disso, obteve êxito não só como escritor, mas o dom da inteligência preenchia também as suas faculdades criativas e além das disciplinas indispensáveis, era hábil nos jogos de xadrez e na caça.

No que tange às línguas, admirava-as e fazia da linguagem seu instrumento de persuasão. Em seus primeiros anos de estudo em *Dol*, o contato com dois livros implodiu conflitos na psique do jovem francês: um Horácio e um tratado de *Confessions mal faites*⁹ fizeram soerguer um cosmos místico e um mundo estranho se hasteou. De acordo com Fabienne Bercegol (2009), essas duas obras

⁶ “Víamos como meu caráter se formava, qual rumo tomavam as minhas ideias, quais foram as primeiras infrações do meu gênio, pois posso tratá-lo como um mal, qualquer que tenha sido esse gênio, raro ou vulgar, merecendo ou não esse nome que lhe dou, na ausência de uma outra palavra para melhor expressar-me.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.257, tradução nossa).

⁷ “[...] durante a má estação, dois meses inteiros fluíam sem que alguma criatura humana batesse à porta de nossa fortaleza. Se a tristeza era grande sobre as urzes de *Combours*, era ainda maior no castelo.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.266, tradução nossa).

⁸ “[...] a calma morna do castelo de *Combours* aumentara graças ao humor taciturno e insociável de meu pai”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.266, tradução nossa).

⁹ *“Le hasard fit tomber entre mes mains deux livres bien divers, un Horace non châtié et une histoire des Confessions mal faites.”* (CHATEAUBRIAND, 2014, p.236).

“O acaso deixou cair entre as minhas mãos dois livros bem diversos, um *Horácio* não expurgado e uma história de *Confissões mal feitas*.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.236, tradução nossa).

o estimularam às seduções do *eros* e a seus perigos, conduzindo-o às forças transgressivas do prazer. O desejo descoberto pela proibição era repreendido pelos sermões de Massilon, aqueles tocantes à *Pécheresse* e ao *Enfant prodigue*, convidando-o à consciência:

Je m'endormais en balbutiant des phrases incohérentes où je tâchais de mettre la douceur, le nombre et la grâce de l'écrivain qui a le mieux transporté dans la prose l'euphonie racinienne. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.237)¹⁰.

O gênio de Chateaubriand, com o decorrer de suas leituras, configurava-se e a sua alma criativa determinava o caráter e o rumo de suas ideias. A agitação de seus pensamentos era ordenada por um aspecto dual de seu âmago: segredos incompreensíveis e uma paixão secreta tocavam a sua inocência. O conhecer-se a si mesmo era um exercício ambivalente, ao mesmo tempo em que se sentia alegre, temia a crucificação do Céu. A experiência do sexo era censurada pela Igreja Católica e esse medo da condenação eterna o escoltava em direção às sombras infernais. Estava dividido entre o prazer e o terror.

As *confissões* de Santo Agostinho, *Eneida* e *Telêmaco* eram volumes que atraíam a sua atenção, já que se tornava sensível à harmonia dos versos dessas prosas antigas. Porém, queria ir além, e foi. Passou por *Dol*, em seguida por *Rennes* e, posteriormente, por *Dinan*. Foi encontrar sua vocação em *Brest*, no entanto, somente em *Combours* reconheceu seu próprio Eu. O castelo de *Combours*, triste e taciturno, acentuava o desgosto e o niilismo da realidade: “[...] *dans le ‘vieux’ château féodal, il n’avait d’autre distraction que ses méditations, ses lectures et la compagnie de sa soeur Lucile.*” (LAVAILLANT, 1980, p.588)¹¹.

Nesses dois anos, os acontecimentos perderam a coerência e a realidade não lhe foi expressiva.

Ce fut dans une de ces promenades, que Lucile, m’entendant parler avec ravissement de la solitude, me dit: « Tu devrais peindre tout cela ». Ce mot me révéla la Muse; un souffle divin passa sur moi. Je me mis à bégayer des vers, comme si c’eût été ma langue naturelle; jour et nuit je chantais mes plaisirs, c’est-à-dire

¹⁰ “Dormia balbuciando as frases incoerentes em que eu me dava a incumbência de colocar a doçura, a cadência a graça do escritor que melhor transportou à prosa a eufonia raciniana.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.237, tradução nossa).

¹¹ “[...] no velho castelo feudal, a sua única distração eram as suas meditações, suas leituras e a companhia de sua irmã Lucile.” (LAVAILLANT, 1980, p.588, tradução nossa).

mes bois et mes vallons; je composais une foule de petites idylles ou tableaux de la nature. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.275)¹².

O despertar de sua consciência artística enquanto escritor se deu com a ajuda de sua Musa, Lucile. Foi ela quem o estimulou a cantar os desgostos da vida e os momentos de solidão. Questões existenciais dominavam a mente do escritor bretão, não sabia mais qual era a sua verdadeira existência, precisava de alguma força para que pudesse confessar sua fraqueza. O ambiente ampliava a inquietação, levando-o à impetuosa ideia de se suicidar: carregou o fuzil de caça com três balas e, se não fosse o guarda, Chateaubriand teria dado fim a seu próprio ser. Até que uma metamorfose significativa, operada em sua essência, modificou o norte de seu percurso existencial: “*À peine étais-je revenu de Brest à Combourg, qu’il se fit dans mon existence une révolution; l’enfant disparu, l’homme se montra avec ses joies qui passent et ses chagrins qui restent.*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.271)¹³.

Nessa altura, convém esclarecer que a sua escolha profissional não havia sido determinada, e sob a tutela de seu cunhado, o visconde de Châteaubourg, obteve uma patente de oficial, no regimento de *Navarre*. O posto de tenente o fez partir para *Cambrai*, porém a morte de seu pai em 1786 reconduziu-o a *Combourg*.

Je pleurai M. de Chateaubriand: sa mort me montra mieux ce qu’il valait; je ne me souvins ni de ses rigueurs ni de ses faiblesses. Je croyais encore le voir se promener le soir dans la salle de Combourg; je m’attendrissais à la pensée de ces scènes de famille. Si l’affection de mon père pour moi se ressentait de la sévérité du caractère, au fond elle n’en était pas moins vive. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.317)¹⁴.

¹² “Foi durante uma dessas caminhadas, que Lucile, ouvindo-me falar com entusiasmo da solidão, disse-me: ‘Você deveria pintar tudo isso’. Essa palavra revelou-me a Musa; um sopro divino passou sobre mim. Pus-me a pronunciar versos, como se fosse minha língua natural; dia e noite cantava meus prazeres, quer dizer, meus bosques e meus vales; compunha uma multidão de pequenos idílios ou quadros da natureza.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.275, tradução nossa).

¹³ “Mal regresssei de *Brest* a *Combourg*, que uma revolução deu-se em minha existência; a criança desapareceu, e o homem se mostrou com suas alegrias que passam e seus pesares que permanecem”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.271, tradução nossa).

¹⁴ “Chorei o senhor de Chateaubriand: sua morte me mostrou melhor o que valia; não me lembrava nem das suas exigências e nem das suas fraquezas. Acreditava vê-lo ainda caminhar, à noite, na sala de *Combourg*; emocionava-me ao pensar nas cenas da família. Se a afeição de meu pai por mim se ressentia da severidade de seu caráter, no fundo, não era menos viva.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.317, tradução nossa).

A morte do pai colocou-o defronte ao primeiro grande abismo existencial, estabelecendo um marco significativo em sua personalidade, estava abandonado e sozinho. A sensação era de que Chateaubriand não poderia se apoiar em lugar algum e em ninguém. Seu íntimo passava por processos constantes de instabilidade e aflição. A inquietude de não ter mais o pai, embora a distância os afastasse, ameaçava suas ideias: “*Qu'en allais-je faire? À qui la donnerais-je? Je me défiais de ma force; je reculais devant moi.*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.319)¹⁵.

Mas foi preciso decidir-se sobre a impermanência e, no ano seguinte, a convite de seu irmão mais velho, já estava em Paris na presença do rei: “[...] *retourner à Paris, être présenté à la cour [...]. Me faire comprendre l'ambition, à moi qui ne rêvais que de vivre oublié!*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.321)¹⁶. Acrescente-se a essa mudança o contato com Delisle de Sales. É preciso dizer que Chateaubriand soube aproveitar muito bem a amizade desse “*brave homme*”. A imensa biblioteca de De Sales ocupava entre quinze e dezesseis cômodos, era o primeiro literato com quem se deparava e a influência De Sales no mundo literário abriria os caminhos a Chateaubriand. Era só ser paciente: De Sales dirigia-lo-ia aos “*hommes de lettres*”.

Não podemos e não devemos esquecer-nos de citar Fontanes. A amizade construída entre Chateaubriand e esse “excelente homem” nasceu em 1789, contudo foi na Inglaterra que os laços da amizade atados sempre pela má sorte, firmaram-se. Os dons de adivinhação política de Fontanes eram aguçados e isso interessava a Chateaubriand. As longas caminhadas em Londres, em companhia do amigo, rendiam-lhes vários assuntos de conversação. E o reconhecimento dessa amizade, no capítulo das *Mémoires*, em que ele rememora o *Génie du Christianisme*, o memorialista, humildemente, confere a Fontanes a gênese dos princípios de sua obra apologética.

En supposant que l'opinion religieuse existât telle qu'elle est à l'heure où j'écris maintenant, le Génie du Christianisme étant encore à faire, je le composerais tout différemment qu'il est: au lieu de rappeler les bienfaits et les institutions de notre religion au passé, je ferais voir que le christianisme est la pensée de l'avenir et de la liberté humaine [...] (CHATEAUBRIAND, 2016, p.77)¹⁷.

¹⁵ “O que eu iria fazer, a quem eu a daria? Desconfiava de minha força; recuava diante de mim mesmo”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.319, tradução nossa).

¹⁶ “[...] regressar à Paris, ser apresentando para a corte [...]. Compreender a ambição, eu, que somente sonhava em viver esquecido”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.321, tradução nossa).

¹⁷ “Supondo que a opinião religiosa existisse tal como ela é agora, no momento em que eu escrevo, o *Génie do cristianismo* devendo ainda ser feito, eu o comporia totalmente diferente do que é: ao invés

O pensamento existia, pois Fontanes em seu poema *La Chartreuse de Paris* (1783), já havia afirmado a existência de um Deus misericordioso e consolador e de uma religião que se aproximava com toda sua calma e poder. Quando se reencontram no exílio, em 1798, Fontanes conheceu a obra sobre a qual Chateaubriand se debruçava, *Les Natchez*. Em carta datada ao bretão, em 28 de julho de 1798, Fontanes não poupa elogios: “*Ce que vous m'en avez lu, et surtout dans les derniers jours, est admirable, et ne sortira plus de ma mémoire.*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.695)¹⁸.

Si quelque chose au monde devait être antipathique à M. De Fontanes, c'était ma manière d'écrire. En moi, commençait, avec l'école dite romantique, une révolution dans la littérature française: toutefois, mon ami, au lieu de se révolter contre ma barbarie, se passiona pour elle. Je voyais bien de l'ébahissement sur son visage quand je lui lisais des fragments des Natchez, d'Atala, de René; il ne pouvait ramener ces productions aux règles communes de la critique, mais il sentait qu'il entrait dans un monde nouveau; il voyait une nature nouvelle; il comprenait une langue qu'il ne parlait pas. Je reçus de lui d'excellents conseils; je lui dois ce qu'il y a de correct dans mon style; il m'apprit à respecter l'oreille; il m'empêcha de tomber dans l'extravagance d'invention et le rocailleux d'exécution de mes disciples. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.690)¹⁹.

As palavras de Chateaubriand nos dizem muito sobre Fontanes e nos mostram a relevância desse poeta em sua formação estilístico-literária. Sem dúvida, Fontanes via em seu amigo memorialista aquele sentimento típico dos românticos. Ainda bem que existiu Fontanes e que ele ouviu as leituras de *Natchez*, de *Atala* e de *René*. Ensinou a Chateaubriand o que conhecia de melhor, de tal modo que auxiliou na imortalização do nosso “príncipe dos sonhos”. Com efeito,

de lembrar os benefícios e as instituições de nossa religião no passado, faria ver que o cristianismo é o pensamento do futuro e da liberdade humana.” (CHATEAUBRIAND, 2016, p.77, tradução nossa).

¹⁸ “O que você leu para mim, e sobretudo nos últimos dias, é admirável, e não sairá mais de minha memória”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.695, tradução nossa).

¹⁹ “Se alguma coisa no mundo devia ser antipática ao senhor de Fontanes, era minha maneira de escrever. Começava comigo, com a escola dita romântica, uma revolução na literatura francesa: todavia, meu amigo, em vez de se revoltar contra a minha barbárie, se apaixonou por ela. Via bem o espanto em seu rosto quando lia para ele os fragmentos de *Natchez*, de *Atala*, de *René*; ele não podia reduzir essas produções às regras comuns da crítica, mas ele sentia que entrava em um mundo novo; via uma natureza nova, compreendia uma língua que não falava. Recebi dele excelentes conselhos; devo-lhe o que há de correto em meu estilo; ensinou-me a respeitar o ouvido, impediu-me de cair na extravagância de invenção e na área pedregosa de execução sem harmonia de meus discípulos.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.690, tradução nossa).

foi a partir de Fontanes que Chateaubriand desenhou seu estilo, secretamente pessoal, enigmático nos planos da expressão e do conteúdo. A incontestável amizade entre eles fez de Fontanes seu primeiro grande amigo.

Si l'ascendant de Fontanes a pu autant et aussi longtemps s'exercer sur le farouche Chateaubriand, c'est que cet ami poète, très tôt, a incarné pour lui l'autorité de la tradition française de leur art, dont il lui fallait s'affranchir pour être lui-même, mais sans jamais pourtant vouloir rompre brutalement avec elle. (FUMAROLI, 2003, p.141)²⁰.

Foi um amigo para todas as estações, entretanto, a notícia da morte do senhor de Fontanes instaurou um segundo marco na existência de Chateaubriand: era preciso recomeçar sua vida. E foram as conversas com *Monsieur* de Malesherbes, seu pai espiritual, sua ciência e coragem, que excitaram nele o fascínio por viagens, já que Malesherbes apresentava um vasto conhecimento geográfico e um forte entusiasmo, que potencializaram no escritor francês a sede de conhecer a América do Norte, com a intenção de “descobrir o mar já visto por Hearne e Mackenzie”. Com Malesherbes, Chateaubriand recuperou o vigor de que precisava para dar continuidade a suas pretensões. Além do carinho imenso que sentia pela sua irmã Lucile, a preferida do memorialista, a similaridade de percepção fazia com que se entendessem também no ramo político.

Observa-se, ainda, que o contato com Malesherbes instigou o escritor bretão a recorrer à pena, a fim de anunciar seu ponto de vista concernente às mais arrojadas abordagens políticas e históricas. Além do mais, a obra *Discours sur les origines de l'inégalité parmi les hommes*, do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau (2008), alimenta o desejo de conhecer de perto os Selvagens, posto que nas concepções de Rousseau, o homem bom, designado homem natural, era aquele que vivia em contato com a natureza, livre de todas as paixões. As imagens poéticas que sua imaginação desenhava vivificavam as aspirações de ir além. Acredita-se ter sido o marco inicial para o desenvolvimento da epopeia *Les Natchez*²¹, a influência rousseauniana do Bom Selvagem. Nada e nem ninguém poderia mantê-lo na França: a imaginação já o transportava para as belezas da América. Ele precisava ir.

²⁰ “Se a ascendência de Fontanes pôde, tanto e por longo tempo, se exercer sobre o feroz Chateaubriand, é que esse amigo poeta, muito cedo, simbolizou para ele a autoridade da tradição francesa de arte de ambos, da qual precisava se libertar a fim de ser ele mesmo, mas sem nunca, no entanto, querer romper brutalemente com ela.” (FUMAROLI, 2003, p.141, tradução nossa).

²¹ Confira Chateaubriand (1956).

As conjecturas políticas anunciavam as transformações que começavam a se desenvolver. A França atravessava reformas constitucionais: de monarquia feudal passou à monarquia dos Estados-Gerais, em seguida, à monarquia de parlamentos, depois à monarquia absoluta, tendendo à monarquia representativa. O fito era lutar contra o poder real. As primeiras gotas de sangue da Revolução Francesa rompiam com a ordem e um perigoso combate se declarava. Segundo Chateaubriand (2014, p.358)²²:

Le dix-huitième siècle, siècle d'action intellectuelle, non d'action matérielle, n'aurait pas réussi à changer si promptement les lois, s'il n'eût rencontré son véhicule: les parlements, et notamment le parlement de Paris, devinrent les instruments du système philosophique. Toute opinion meurt impuissante ou frénétique, si elle n'est logée dans une assemblée qui la rend pouvoir, la munit d'une volonté, lui attache une langue et des bras. C'est et ce sera toujours par des corps légaux ou illégaux qu'arrivent et arriveront les révolutions.

Confessor fiel de um tempo infiel, François-René Auguste de Chateaubriand vivenciou o ano 1789, “tão célebre na espécie humana”. O poder estava aliado ao sistema filosófico e nada era aceito sem antes passar pelas algozes vozes da Assembleia. Os parlamentos queriam o poder dos Estados-Gerais, roubado pela monarquia absoluta. Em realidade, queriam para si o poder legislativo e político. A insurreição geral de 1789 culmina com a tomada da Bastilha em 14 de julho do mesmo ano. Prestamo-nos a utilizar suas próprias palavras, a fim de explicar a si próprio nesse momento guerrilheiro tão custoso ao povo francês. “*Je me suis rencontré entre deux siècles, comme au confluent de deux fleuves; j'ai plongé dans leurs eaux troublées, m'éloignant à regret du vieux rivage où je suis né, nageant avec espérance vers une rive inconnue.*” (CHATEAUBRIAND, 2015, p.603)²³.

Uma motivação ainda acendia sua esperança. Em contraposição aos acontecimentos da Revolução Francesa, uma única ideia o dominava: conhecer

²² “O século XVIII, século da ação intelectual, não da ação material, não teria conseguido mudar tão prontamente as leis, se ele não tivesse conhecido seu veículo: os parlamentos, e, especialmente o parlamento de Paris, tornaram-se os instrumentos do seu sistema filosófico. Toda opinião morre impotente ou frenética, se ela não está alojada em uma assembleia que lhe concede poder, alimentando-a de uma vontade, anexando-lhe uma língua e uns braços. É e será sempre pelos corpos legais ou ilegais, que chegam e chegarão as revoluções”. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.358, tradução nossa).

²³ “Encontrei-me entre dois séculos, como na confluência de dois rios; mergulhei em suas águas agitadas, distanciando-me com pesar da velha costa onde nasci, nadando com esperança em direção à margem desconhecida.” (CHATEAUBRIAND, 2015, p.603, tradução nossa).

o nordeste da América. O quebra cabeça da viagem era montado com auxílio do mestre Malesherbes: “*Ne manquez pas de m’écrire par tous les vaisseaux, de me mander vos progrès et vos découvertes [...]*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.417)²⁴. Essas eram as palavras do senhor Malesherbes que afloravam em sua mente com a mesma velocidade que florescem as flores na primavera.

Or, ne m’étant attaché à aucune femme, ma sylphide obsédait encore mon imagination. Je me faisais une félicité de réaliser avec elle mes courses fantastiques dans les forêts du Nouveau-monde. Par l’influence d’une autre nature, ma fleur d’amour, mon fantôme sans nom des bois de l’Armorique, est devenu Atala sous les ombrage de la Floride. (CHATEAUBRIAND, 2014, p.416)²⁵.

Em 7 de abril de 1791, embarcou para a América em uma expedição que duraria oito meses, viagem elementar ao desenvolvimento de suas atividades enquanto escritor: “[...] *encore à la mer! Again to sea!*” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.421)²⁶. E sob as sombras da Florida nasceu *Atala*, mas todas as outras narrativas ficcionais seriam influenciadas por sua experiência tal como um selvagem. A introdução de *Voyage en Amérique* (1827) desvenda-nos a situação da França naquele hediondo mês de abril de 1791:

Quand je quittai la France, au commencement de 1791, la révolution marchait à grands pas: les principes sur lesquels elle se fondait étaient les miens, mais je détestais les violences qui l’avaient déshonorée: c’était avec joie que j’allais chercher une indépendance plus conforme à mes goûts, plus sympathique à mon caractère. (CHATEAUBRIAND, 1969, p.667)²⁷.

²⁴ “Não deixe de me escrever por todos os navios, de me enviar todos os seus progressos e suas descobertas [...]” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.417, tradução nossa).

²⁵ “Ora, não estando preso a nenhuma mulher, minha sílfide assombrava ainda minha imaginação. Estava feliz de realizar com ela as minhas caminhadas fantásticas nas florestas do Novo Mundo. Por influência de uma outra natureza, minha flor de amor, meu fantasma sem nome dos bosques da Armórica, tornou-se *Atala* sob as sombras da Flórida.” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.416, tradução nossa).

²⁶ “Novamente no mar” (CHATEAUBRIAND, 2014, p.421, tradução nossa). É preciso salientar que Chateaubriand faz uso de um dos versos de Byron em *Childe Harold*, III, 2.

²⁷ “Quando deixei a França, no começo de 1791, a revolução caminhava a grandes passos: os princípios sobre os quais ela se fundamentava eram os meus, mas eu detestava as violências que já a tinham desonrado: era com alegria que ia procurar uma independência mais de acordo com meus gostos, mais simpática a meu caráter.” (CHATEAUBRIAND, 1969, p.667, tradução nossa).

Ainda que a jornada tenha perdurado oito meses, Chateaubriand contemplou apenas as cidades do leste americano, incluindo as margens do rio Mississipi, a região dos Grandes Lagos e as cataratas do Niágara, territórios descritos em suas novelas ficcionais. À primeira vista, o percurso foi desprovido de bons resultados, mas para as letras francesas, rendeu importantes determinações, já que o descobrimento do desconhecido, da América, é que deu corpo a seu estilo de escritura, imaginado com base em suas viagens, suas vivências e suas experimentações. Foi pela escrita que nasceu a América para Chateaubriand e também para seu público leitor, consagrando-lhe o título de grande escritor do movimento pré-romântico francês.

THE LITERARY IMPULSE OF FRANÇOIS-RENÉ AUGUSTE DE CHATEAUBRIAND

ABSTRACT: *Reflecting on the eighteenth-century French Literature requires revisiting the poetics of François-René Auguste de Chateaubriand. The importance of this writer to the Literary Studies marked a series of influences in the movement titled Romanticism. Having said this, the present article aims to present the emergence of Chateaubriand's artistic consciousness as well as to emphasize the importance of his particular universe in his literary works. In order to do so, a biographical journey is made, naming those who helped him in this endeavor. In this sense, we turn to Mémoires d'outre tombe (1849-1850) in which the explanations provided by the author based his literary thinking. America also played a key role in his personal maturation process.*

KEYWORDS: *French Literature. Pre-Romanticism. Biography. François-René Auguste de Chateaubriand.*

REFERÊNCIAS

BERCEGOL, F. **Chateaubriand: une poétique de la tentation.** Paris: Éd. Classiques Garnier, 2009.

CHATEAUBRIAND, F. -R. de. **Mémoires d'outre-tombe, Livres XXV à XXXIII.** Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2016.

_____. **Mémoires d'outre-tombe, Livres XXXIV à XLII.** Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2015.

_____. **Mémoires d'outre-tombe, Livres I à XII.** Édition établie par Jean-Claude Berchet. Paris: Librairie Générale Française – Le livre de Poche, 2014.

_____. **Oeuvres romanesques et voyages II.** Édition établie par Maurice Regard. Tours: Gallimard, 1969. (Bibliothèque de la Pléiade).

_____. **Les Natchez; Voyage en Amérique.** Paris : A. Hatier, 1956 .

CLEMENT, J-P. **Chateaubriand:** biographie morale et intellectuelle. Paris: Flammarion, 1998.

FUMAROLI, M. **Chateaubriand, poésie et terreur.** Paris: Éditions de Fallois, 2003.

LAVAILLANT, M. Chateaubriand (François-René). In: LAFFONT-BOMPIANI. **Dictionnaire des auteurs.** Paris: Robert Laffond, 1980. (Bouquins). v.1.

NOLLET, R. **Lectures choisies de Chateaubriand.** Paris: Garnier Frères, [19--].

ROUSSEAU, J. -J. **Discours sur les sciences et les arts; Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes; Du contrat social.** Présentation par Roger-Pol Droit. Paris: Flammarion, 2008.



